

**INTERAÇÃO E ENSINO EM UMA PERSPECTIVA ECOLÓGICA:
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM MINICURSO DE MORFOSSINTAXE
DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Karina de Alcantara Rocha Teixeira

Mariana Barroso Maroca

Nathalia Novaski Carreri

RESUMO: Em 2021, por conta do distanciamento social, o Estágio Supervisionado Obrigatório, do curso de Letras Português, da Universidade Estadual de Londrina/PR, foi desenvolvido em forma de um minicurso. Foi ofertado aos alunos dos 1º anos um curso com duração de 12h, em que foram revisados conteúdos de morfossintaxe, promovendo, assim, uma relação de aproximação, de confiança e de cooperação entre os discentes. O presente trabalho tem por objetivo relatar e refletir sobre essa experiência, apontando como a interação, mesmo que virtual, foi significativa para os estagiários (aprender a ensinar) e graduandos (aprender o conteúdo).

PALAVRAS-CHAVE: Estágio Curricular Obrigatório; Morfossintaxe; Interação.

1. Introdução

Desde 2020, o mundo vem se modificando e se adaptando após uma pandemia devastadora eclodir e transformar o modo de vida da humanidade. Com o surgimento da pandemia *Covid-19* que assola o mundo, os seres humanos tiveram de se adaptar a novos hábitos e costumes. No âmbito educacional, não poderia ser diferente: em verdade, essa foi uma das áreas mais atingidas por toda essa mudança drástica.

O que antes era normal e corriqueiro, como ir à faculdade ou ao colégio, tornou-se perigoso e inviável. Desse modo, vivenciamos um momento histórico, no qual a tecnologia está servindo como suporte para o processo de ensino e aprendizagem.

Em 2021, a pandemia continuou, por isso, o Estágio Supervisionado Obrigatório do curso de Letras Português, da Universidade Estadual de Londrina/PR, foi desenvolvido em forma de um minicurso *online*, através da plataforma *Google Meet*, em respeito ao distanciamento social exigido.

Mesmo com a tragicidade do presente momento, o Estágio Supervisionado

Obrigatório teve de encontrar meios para sua realização, visto que é de extrema relevância para a formação dos discentes esse exercício de aprendizagem, pois, assim como Perini menciona:

Compreender o estágio como um tempo destinado a um processo de ensino e aprendizagem é reconhecer que, apesar da formação oferecida em sala de aula ser fundamental, só ela não é suficiente para preparar os alunos para o pleno exercício de sua profissão. Faz-se necessário a inserção na realidade do cotidiano escolar, o qual é propiciado pelo estágio. (PERINI, 2006, p.27)

Sendo assim, o tempo que nos é destinado para o cumprimento das horas de estágio obrigatório é extremamente enriquecedor, ainda mais quando se trata de um momento absolutamente distinto do qual antes vivíamos.

Para atender às novas demandas, o docente deve se desdobrar para abraçar as novidades que o mundo traz, e, nesse momento, em meio ao novo perfil do professor que é exigido, é importante salientar que não podemos deixar de considerar os conhecimentos linguísticos na formação do futuro professor.

Quando pensamos em focar no ensino de gramática normativa, sabemos que, atualmente, aparenta ser algo incomum, contudo, é necessário que o professor em formação esteja preparado para levar aos estudantes o conhecimento acerca da estrutura e os aspectos que constituem qualquer língua natural.

A interação verbal não é uma estrutura composta apenas pela sintaxe (plano sintático), mas engloba vários outros planos como o fonológico, semântico, morfológico, e assim, a interação verbal entra em ação. Portanto, não podemos tratar a língua como um código ou um sistema de sinais autônomos, sem antes localizá-la na história e colocá-la fora da realidade social dos falantes. Sabemos, desse modo, que a língua é mais que um mero sistema de formas sintáticas ou lexicais; porém, ainda que pensemos a linguagem como um conjunto de práticas sociais, cognitivas e interacionais, não significa que precisemos ignorar o sistema linguístico, a gramática da língua.

2. Por que ensinar gramática?

Primeiramente, ao pensar no papel da gramática na prática de ensino escolar, nos vem a reflexão sobre por que e como se deve ensinar a gramática normativa, sobretudo a língua padrão.

Após a virada pragmática, alteraram-se os paradigmas da linguagem, os quais a reduzem a um instrumento de transmissão de informações ou simples representante do mundo objetivo (MARCANTONIO, 2007). Sendo assim, os linguistas pós virada pragmática veem a língua visando seu contexto de uso, ou seja, dentro de um contexto interacional.

Possenti (1996), em seu livro *Por que (não) ensinar gramática na escola*, levanta questionamentos sobre o papel da escola e o ensino da Língua Padrão, pois, de acordo com os estudos linguísticos, todo falante sabe falar, não precisando - necessariamente - estudar a língua (para saber falar), visto que esse sabe seguir as regras e as combinações na língua. Também aborda as variações linguísticas e dialetos na nossa sociedade, que ao ensinar a língua padrão na escola, não se deve excluir essas variações, já que assim se intensifica o preconceito linguístico dentro da sala de aula. O docente deve levar os estudos linguísticos no processo educacional para que seja abrangente e não só se restringir a um tipo como:

Ensinar gramática pode continuar a ser um objetivo válido. Lembre-se, porém, que há pelo menos três concepções de gramática. O que se sugere é que a prioridade a adotar na escola deveria ser a inversa da seguida na apresentação desses conceitos. O mais importante é que o aluno possa vir a dominar efetivamente o maior número possível de regras, isto é, que se torne capaz de expressar-se nas mais diversas circunstâncias, segundo as exigências e convenções dessas circunstâncias. (POSSENTI, 1996, p.82)

Desse modo, Possenti (1996) afirma a importância do ensinar a gramática, sobretudo a norma padrão nas escolas, pois, já que a língua hodiernamente é vista como instrumento de interação social, ele defende o fato de que os discentes devem ter o maior conhecimento possível e dominar os tipos de regras, dando assim, possibilidades para o aluno saber se adequar às circunstâncias, aos momentos e aos contextos.

O objetivo de ensino-aprendizagem de gramática nas aulas de Língua Portuguesa, é ensinar aos alunos o que pode ser usado em determinadas situações, ampliando sua capacidade de expressão e de comunicação, já que a língua é um instrumento de interação (NASCIMENTO, 2009). Portanto, o ensino de morfossintaxe ainda é importante para os estudos linguísticos, pois, é através dele que o aluno amplia sua capacidade de uso da gramática, visto que nos dias de hoje, na área de Linguística Aplicada, vê-se a importância tanto para a comunicação verbal quanto para o entendimento uniforme textual.

3. Relato de experiência: o minicurso de Morfossintaxe

Inicialmente, os estagiários do quarto ano dariam aulas aos estudantes do ensino médio, através do ensino remoto. No entanto, este ano, foi decidido que cada professor orientador escolheria o método de análise de seus estagiários. O método escolhido para nós foi o minicurso de morfossintaxe.

O minicurso foi ofertado aos alunos dos 1º anos de Letras - Português, tanto do período vespertino quanto noturno (com participação voluntária dos estudantes, já que não haveria certificado de horas), os quais foram divididos em três turmas: de terça-feira, de quarta-feira e de quinta-feira (os estagiários também foram divididos em turmas, cada grupo lecionava para uma turma diferente). Todas as aulas iniciavam às 8h e terminavam às 10h30 (BRT - UTC-3:00), com a duração total de 12h/a, já que a oficina durou quatro semanas (quatro aulas, uma vez por semana) - o período de duração foi de 23 de março de 2021 até 29 de abril de 2021 (devido os feriados e recessos desse período, a oficina prolongou-se).

A oficina dividiu-se em atividades síncronas e assíncronas, sendo as síncronas as aulas através da plataforma virtual *Google Meet*; e as assíncronas, as atividades (exercícios e textos) que passávamos através da plataforma virtual *Google Classroom*.

A dinâmica das aulas síncronas foi basicamente dessa forma: na primeira aula, introduzimos as classes gramaticais e suas funções sintáticas; explicamos a diferença entre morfologia e sintaxe; explanamos sobre o mundo extralinguístico (lexical) e o mundo linguístico (gramatical); expomos as palavras nucleares, periféricas e conectivas; propomos uma avaliação de conhecimentos prévios dos discentes, através de exercícios em sala, para que tivéssemos noção de quais conteúdos deveríamos apresentar a eles; trabalhamos com o gênero textual canção através das músicas *Eduardo e Mônica - Legião Urbana* e *Apenas um rapaz latino-americano - Belchior*, retirando frases das canções para que fossem analisadas; relembramos sujeito e predicado; e terminamos a aula com exercícios de vestibulares e concursos, os quais apelidamos de desafios, que tinham o intuito de testarmos nossos alunos, para que eles tivessem noção de seus conhecimentos sobre determinados assuntos.

Abrimos a segunda aula com o aprofundamento do conteúdo sobre substantivos, suas classificações, funções sintáticas e exercícios sobre a matéria; depois fizemos o mesmo esquema de "classificação, funções sintáticas e exercícios" nos conteúdos adjetivos, pronomes,

artigos, preposições, contrações e numerais; e finalizamos a aula com os exercícios de vestibulares e concursos (desafios).

Na terceira aula começamos com exercícios de vestibulares e concursos (desafios); depois adentramos no conteúdo “verbo” (suas conjugações, flexões, formas nominais); clarificamos sobre transitividade verbal, suas classificações e exercícios sobre o assunto; e então relembramos sobre as classificações/tipos de predicados e demos exercícios; logo após entramos em advérbio e adjunto adverbial, suas classificações e exercícios sobre; e terminamos a aula com o conteúdo crase, o qual foi explicado detalhadamente, à pedidos dos discentes (que tiveram uma introdução na segunda aula, na parte das contrações de artigos e preposições).

Iniciamos a última aula com o conteúdo adicional de complemento nominal e adjunto adnominal, suas diferenças e semelhanças, e exercícios para diferenciação; depois adentramos na correção das atividades assíncronas que passamos durante o período das três primeiras aulas, os estudantes tiveram semanas para respondê-las. A primeira delas foi o trabalho com o gênero textual canção, através da música *Trevo - Anavitória*: pedimos que os estudantes fizessem as classificações morfológica e sintática de toda letra como tarefa, para que corrigimos durante a última aula - e foi justamente o que ocorreu (o resultado foi demasiadamente animador, tiramos como resultado de nossas aulas, pois a maioria dos alunos gabaritou as respostas das análises da letra da música). E a outra atividade assíncrona foram exercícios diversos de vestibulares e concursos (realmente desafiadores, para que os discentes percebessem a diferença de conhecimento inicial, de quando entraram na oficina, e o que teriam nesse momento final das nossas aulas); o resultado também foi deveras promissor, a maioria deles gabaritou os exercícios, e os que não o fizeram, acertaram a maioria. E, para terminar a aula e nossa oficina, deixamos os momentos finais para que os discentes tirassem suas últimas dúvidas do conteúdo dado.

4. Avaliação do minicurso

Com o intuito de analisar o rendimento geral da oficina de morfossintaxe e a eficiência dos estagiários e da orientadora, elaboramos um formulário avaliativo como instrumento de pesquisa: um questionário estruturado com 12 perguntas fechadas, meio pelo qual os discentes nos avaliariam através das notas 1 até 5 (sendo “1” insatisfatório, e “5” satisfatório). A

plataforma utilizada foi o *Google Forms*, o número de estudantes que responderam ao questionário foram seis, e foi aplicado no término do minicurso.

O questionário tinha como perguntas iniciais a identificação do aluno: seu nome completo e de qual turma ele participou (se terça-feira, ou quarta-feira, ou quinta-feira). Depois as perguntas avaliativas: “Qual é a sua avaliação da oficina?” (resultado: nota 5 em 100% das respostas); “Em uma escala de 1 a 5, o quanto o projeto tirou suas dúvidas?” (resultado: nota 5 dada por cinco alunos, ou seja, 83,3% das respostas; e nota 4 dada por um aluno, isto é, 16,7% das respostas); “Em uma escala de 1 a 5, o quanto suas expectativas foram cumpridas?” (resultado: nota 5 em 100% das respostas); “Em uma escala de 1 a 5, como você avaliaria os slides?” (resultado: nota 5 em 100% das respostas); “O que você achou do tempo de duração do minicurso?” (resultado: nota 5 dada por cinco alunos, ou seja, 83,3% das respostas; e nota 3 dada por um aluno, isto é, 16,7% das respostas); “O que você achou do tempo de duração das aulas?” (resultado: nota 5 dada por três alunos, 50% das respostas; nota 4 dada por dois alunos, 33,3%; e nota 3 dada por um aluno, 16,7%); sendo as próximas perguntas questionamentos específicos sobre cada estagiário, a exemplificar “Em uma escala de 1 a 5, como você avaliaria a didática e o domínio do conteúdo do(a) estagiário(o) (...)?” (resultados: privados, para que não exponhamos nenhum colega, no entanto, podemos comentar que todas foram extremamente positivas e satisfatórias); e a última pergunta objetiva “Como você avaliaria as interferências da Supervisora de estágio durante as aulas?” (resultado: privado, idem).

O questionário termina com perguntas abertas, para que eles pudessem deixar um recado por escrito para cada estagiário: “Deixe um recado final para o estagiário (...)”. Todos os recados foram enriquecedores e positivos.

5. Conclusão

Tendo como base os resultados obtidos através do formulário avaliativo o qual foi respondido pelos alunos do minicurso de morfossintaxe, por meio da plataforma *Google Forms*, e com a nossa experiência do estágio curricular obrigatório, podemos concluir que a experiência foi benéfica, tanto para os estudantes quanto para as estagiárias.

Nós conseguimos, através do formulário avaliativo, observar os pontos positivos e negativos do minicurso, o que nos auxiliou a compreender o que tivemos de melhor e o que

não foi tão viável e produtivo em nossas aulas, como a duração do minicurso e das aulas, pois, segundo os alunos participantes, havia entre eles o desejo de que tivesse mais tempo, seja de aula ou do minicurso como um todo. Isso é de grande valia para nós, já que futuramente nos dará mais segurança para repetir aquilo que foi bom e reformular o que não foi tão produtivo assim.

A interação entre estagiárias e os discentes foi vantajosa para ambas as partes, já que tivemos uma experiência nova com o ensino remoto, portanto, tivemos que nos adaptar às novas demandas, assim como os estudantes, e com isso obtivemos um aprendizado o qual, se não fosse o ensino a distância, talvez não teríamos a oportunidade de adquirir.

Podemos considerar também que foi um desafio enriquecedor o fato de ministrar aulas para o ensino superior, o que exigiu mais de nós estagiárias nos âmbitos de conhecimento, didática, posicionamento como professoras, disposição em responder dúvidas e questionamentos que poderiam ser feitos; e, certamente, nos trouxe mais autonomia e experiência para docência.

Outro ponto a ser destacado é a interação entre nós estagiárias, o que também contribuiu demasiadamente para que o estágio fosse possível, já que foi um grande desafio dar aulas sobre morfossintaxe para o 1º ano do ensino superior e ainda mais, por meio do ensino remoto, sendo assim, tivemos que nos auxiliar mutuamente, criando um laço de companheirismo e cooperação.

Portanto, podemos concluir que foi extremamente lucrativa e proveitosa a oficina, porque colocamos na prática nossos conhecimentos os quais fomos atribuindo durante o curso, além da experiência de poder lecionar, nos capacitando e nos formando para sermos futuros docentes. Devido às circunstâncias do ensino remoto, tivemos que nos adequar, contudo foi possível uma experiência positiva e enriquecedora para a nossa formação.

Referências:

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

EFKEN, K. H; CAVALCANTI, W. M. A; CUNHA, A. O. C. V da. A virada pragmática e a racionalidade comunicativa: elementos na construção do diálogo entre os falantes das línguas orais e a língua de sinais. CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E

INCLUSÃO, 2014. Disponível em:

<https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2014/Modalidade_1datahora_03_11_2014_13_32_45_idinscrito_2540_1b563356be2b5e237ffee9b50ce48a35.pdf>. Acesso em: 08 de jun. de 2021.

NASCIMENTO, Elvira Lopes. **Língua Portuguesa VI: Concordância e Regência**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2009.

OLIVEIRA, Eloiza da S. G. de; CUNHA, Vera L. O estágio supervisionado na formação continuada docente a distância: desafios a vencer e construção de novas subjetividades.

RED. Revista de Educación a Distancia. Murcia (España). v. 5, n. 14, p. 1-18, março 2006. Disponível em: <www.um.es/ead/red/14/oliveira.pdf>. Acesso em: 08 jun. de 2021.

PERINI, Edla Yara Priess. **O papel do estágio curricular supervisionado na formação inicial de professores: o olhar crítico dos egressos e professores do curso de pedagogia**.

Itajaí, Universidade do Vale do Itajaí, 2006. Disponível em:

<<https://siaiap39.univali.br/repositorio/bitstream/repositorio/1717/1/Edla%20Yara%20Priess%20Perini.pdf>>. Acesso em: 08 de jun. 2021.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.